

## **Numa homenagem a uma pensadora incrível “Madame Curie”, da Cia. Apocalíptica, faz um libelo à atuação da mulher onde ela queira estar**

Por Leidson Ferraz  
Crítico convidado

Às vezes um fato da realidade não dá conta de se tornar verdadeiramente interessante, mas a forma de contá-lo pode mudar tudo. Pensando nisso, é incrível que uma personagem real extraída das Ciências Exatas, de um campo tão pragmático, metódico e nada fantasioso, tenha servido de inspiração para um espetáculo de teatro infantojuvenil feminista. Isso se deu com “Madame Curie”, produção da Cia. Apocalíptica, de São José do Rio Preto/SP, que conferi numa das tardes do FIT Rio Preto 2025, no Teatro Municipal Humberto Sinibaldi Neto, abordando a trajetória de vida pessoal e carreira brilhante de uma das grandes cientistas do mundo a partir do diário que sua filha escreveu: a polonesa radicada na França, Marie Skłodowska-Curie, responsável por pesquisas pioneiras sobre radioatividade. O pequenino elenco que deu conta do recado é formado por Fernanda Missiaggia, Larissa Wehbi, Mayara Martinelli e Wesley Luar.

Com texto de Stella Tobar e Lawrence Garcia, o diretor do espetáculo (ele descobriu a sua personagem-tema por conta de uma exposição, na época em que cursava matemática), a obra me fez esquecer por instantes que nunca fui bom aluno de física e química e tudo ligado a esse universo não me agrada nem um pouco, especialmente experiências com os elementos da chatíssima tabela periódica. O diferencial foi o invólucro cênico que abraçou o trabalho: um teatro que quer falar para várias faixas etárias mesclando música ao vivo, palhaçaria, formas animadas e até dança contemporânea. O resultado é uma bela montagem que, além de abordar uma incrível figura que derrubou barreiras do patriarcado, prima por uma luz e uma cenografia coesas (os tubos de ensaio variados no céu são um achado), elenco seguro na atuação e no canto (com destaque para a execução das sombras e do marido-boneco, muito bem manipulado) e trilha sonora apresentada de modo bem afável.

Essa série de elementos lúdicos tenta minimizar o efeito de palestra/aula que – sim – ainda persiste sobre uma grande mulher mundialmente reconhecida por ocupar espaços até então proibidos ao gênero feminino. Além de ter sido a pioneira a ganhar o Prêmio Nobel, ela foi a única pessoa que o conquistou duas vezes em campos científicos diferentes, tornando-se a primeira professora a lecionar na Universidade de Sorbonne, na França (substituindo o marido, morto em um acidente de trânsito). No entanto, como não se trata de uma obra documental, uma solução para alcançar um tom menos formal e blasé no desenrolar dessa história é rever os tempos das cenas e explorar mais a comicidade da protagonista, afinal, ninguém é só uma coisa o tempo todo e, nessa versão, contrária ao seu provável pouco carisma segundo imagens reais, vestindo sempre preto e nunca a sorrir, ela delira com palhaços (é ótima a interação inicial, mas falta uma contracena mais bem humorada com a cientista).

Assim, acredito que outras nuances rítmicas no andamento da montagem – que já conta com figurinos em tons preto, cinza e branco e uma trilha sonora que circunda a quietude – possam tornar “Madame Curie” mais dinâmica e brincantemente lúdica (senão, qual a razão da palhaçaria?), para além do propagar de um aprendizado inerente. Alguém até pode reivindicar que a vida de Marie não foi fácil – e isso está muito bem abordado no seu ativismo humanitário, nos problemas financeiros, nos absurdos machistas que invejosos disseminavam, nas perseguições que sofreu e na sua abnegação em deixar-se contaminar radiativamente em nome da pesquisa (vem daí os delírios lúdicos na peça) –, mas a liberdade criativa da arte nos permite certos respiros para imaginar possibilidades e acredito que outras versões dessa mulher, mesmo situada num campo científico bem mais racionalizado e pouco sentido, possam surgir nesse importante e empoderado raio-X cênico.

Julho/2025